

27 ABR 1997

Opinião

Conversa fiada

WILSON FIGUEIREDO

Nada de irreparável, mas alguma consideração é devida à queda de Fernando Henrique nas pesquisas de opinião, quando nada por estar virando tendência tropeçar no próprio sucesso. A popularidade presidencial vem perdendo altura e, independente da origem, a insatisfação vai ganhando adeptos aqui e ali. Pode ser fadiga de admiração mas nunca se tem certeza.

Não basta fazer cara de desapontamento com pesquisas. Enquanto o registro apontava para cima, o governo sorria para os fotógrafos. Quando aponta para baixo, finge distração. A pesquisa utiliza metodologia própria mas o eleitor trabalha com a intuição. Não adianta disfarçar, fazer de conta que não é com ele.

O corcunda sabe como se deita. O presidente Fernando Henrique se deu conta, finalmente, de que a reeleição é um direito a que não corresponde, para o eleitor, obrigação de reeleger. No caso dele, estabeleceu-se antes uma relação estreita entre a reeleição e as reformas que vocalizou com entonação social-democrata na campanha presidencial. A execução da partitura com andamento neoliberal não desagradou ao público, mas caiu mal a interrupção do concerto para cuidar da reeleição.

Do Canadá, Fernando Henrique fez em voz alta leitura mais atenta das pesquisas e, de longe, soltou o verbo com um lance que é mais barretada ostensiva à História que proposta política. Desabafou que trocava de bom grado a reeleição que o espera pelas reformas que o deixaram no meio do caminho à espera de socorro. Valeu como cumprimento aos eleitores, porque no fundo a troca não interessa a ele nem à oposição, cada qual por motivos próprios.

Não faz sentido político que, tendo se empenhado a fundo pela reeleição, o presidente se disponha a trocá-la pelas reformas que atravancam a vida parlamentar, e cuja fatura extraída em seu nome lhe retira o sono e provoca maus sonhos eleitorais.

O lance não comove a oposição, que, por sua vez, prefere muito mais a reeleição de Fernando Henrique, que ela conhece, às reformas de resultados imprevisíveis para ela. No fundo, o presidente se decepcionaria com a aceitação da proposta feita em termos elevados para ser honrada, no futuro, em bronze ou mármore, mas

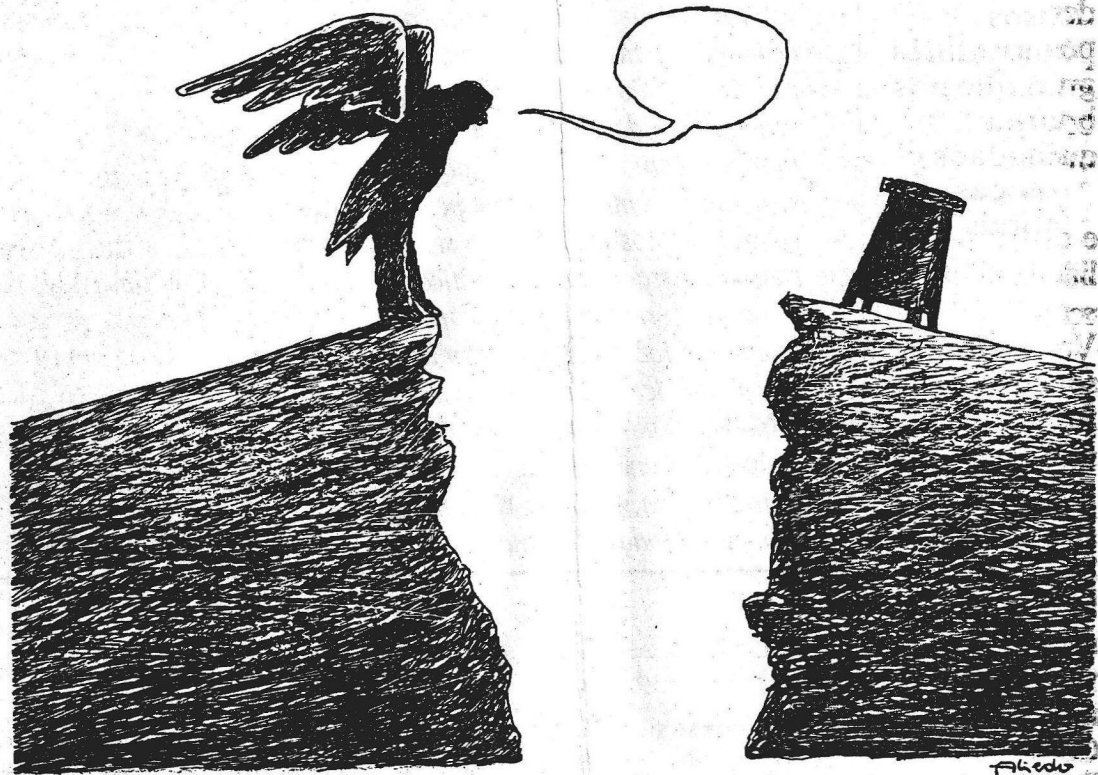
recusada desde logo veemência. Ambas as manifestações têm a História como destinatária e juiz.

Qualquer um sente que não foi para valer, mas para constar. Não passou de efeito especial de escasso resultado prático. Nem a oposição se interessa pelas reformas (social-democratas ou neoliberais), nem o presidente abre mão da reeleição e das reformas. Não abdica de nenhuma, e nem por elas.

Não significa que a bonança das pesquisas tenha acabado para Fernando Henrique, mas ficou parcimoniosa. Só outro fato equivalente em peso político será capaz de restabelecer o bom relacionamento presidencial com a classe média. Para se aproximar da opinião pública, no

Considerava-se o resto do mandato suficiente para entregar a domicílio, antes da reeleição, a encomenda feita pelos eleitores. Tudo parecia certo, embora pela metade, à espera do resto. O governo brincou de chicotinho queimado: distribuiu (mas deixando à vista), por toda parte, erros para premiar quem os encontrasse. Ninguém se interessou. Era dispensável procurar pulga em juba de leão tendo em vista a inexistência de oposição para tirar proveito deles.

Ninguém na oposição se lembrou de denunciar que o direito à reeleição altera, mediante conseqüências previsíveis, a natureza do primeiro mandato que passa a ser investimento político no segundo. Para uma classe média de ressonância moralista, não



entanto, não poderá equivocar-se no reconhecimento do fato que o indis põs com os cidadãos sem rosto, cuja opinião vem nas pesquisas. Terá que arranjar-se com duas incógnitas para resolver o seu problema: localizar o erro essencial e criar um fato político habilitado a reinstalar o presidente na órbita superior das pesquisas de opinião.

Até a metade do governo, Fernando Henrique não precisou se interessar pela razão do sucesso e evitar riscos. A realidade social absolvía os erros e a oposição, a grande ausente, se mantinha à distância. Por que escarafunchar pequenos insucessos sem grandes conseqüências? Por que preocupar-se em agradar, se ninguém reclamava?

havendo como discriminar governadores e prefeitos no direito à reeleição, governos estaduais e municipais vão ficar sob suspeitas desde o primeiro dia de mandato.

A resistência às seduções da reeleição não se manteve durante um século por se apresentar com a bandeira da tradição mas pelo receio de que a República, que não realizou o sonhos dos seus fundadores, se tornasse pesadelo dos que cuidaram dela. A oposição não rastreou ao longo do período republicano, para oferecer uma consistente visão histórica, os riscos a serem proporcionados pela reeleição porque é, em igualdade de condições, sócia dos governos no usufruto dos vícios de funcionamento da democracia.